Ano XII ••• Nº 365 ••• Uberaba/MG ••• Fevereiro de 2011

Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Escrever pra quê?
Autores revelam suas motivações

04

Utilização do tempo
O drama da sociedade moderna

07

Amigos estranhos
A paixão por animais exóticos

14

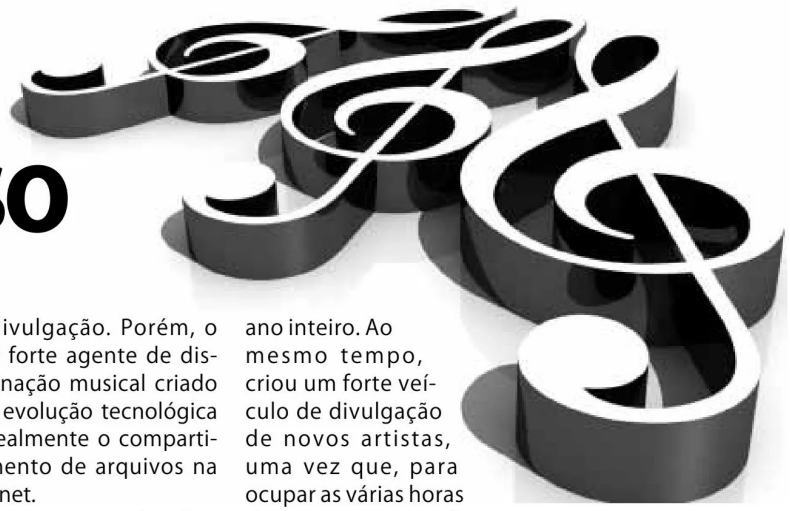
Mulheres em ação

De rímel e batom, elas conquistam espaço na construção civil

Foto: Grasiano Souza

issuu-downloader.com

Estratégia para o sucesso



Cristiano Ximenes
5º período de Jornalismo

O que faz uma música, um gênero, se tornar popular? Antes, era comum considerar as músicas de grande aceitação da massa como inferiores a outros gêneros, como a bossa nova e o tropicalismo, que por contarem com a sanção da crítica se enquadravam como MPB, Música Popular Brasileira. Era uma forma de demarcar sua qualidade, em relação às músicas da massa.

Nos anos 1990, com o barateamento na fabricação de mídias e reprodutores de CD, aliado à estabilidade econômica e ao aumento do poder de compra das classes mais baixas, houve um forte crescimento no setor fonográfico do país e a música popular obteve um espaço na imprensa e no planejamento das gravadoras que antes só os cantores românticos haviam experimentado. Gêneros como o pagode e o axé passaram a se tornar também estratégicos para as multinacionais.

Hoje, porém, graças ao pirateamento de cópias físicas e ao compartilhamento de músicas por meio da Internet, as gravadoras encontram-se em declínio econômico. A queda chega a 30% ao ano, segundo a ABPD (Associação Brasileira dos Produtores de Disco).

Com esta nova configuração, nenhum dos gêneros musicais sequer se aproxima dos números exibidos na década anterior, mas os artistas ditos populares consolidam-se na liderança, tanto na arrecadação dos shows, quanto na execução nas rádios.

Enquanto isso, outros gêneros, como o rock e a própria MPB, passaram a ser considerados alternativos. O que propicia esta diferença nos tempos atuais?

No campo tecnológico, é inegável que o baixo custo das mídias físicas favorece a pirataria e, para alguns gêneros, como o tecnobrega e o funk, o CD e o DVD são os principais veículos de divulgação. Porém, o mais forte agente de disseminação musical criado pela evolução tecnológica foi realmente o compartilhamento de arquivos na Internet.

Nessa seara, porém, sites e portais divulgam bandas de rock e músicos considerados outsiders. Por que então estes gêneros não ocupam maior espaço na mídia ou nos programas de rádio e tampouco elevam suas arrecadações?

Na questão estratégica, é possível visualizarmos um modelo de negócio que acaba por diferenciar os gêneros populares dos demais. A palavra-chave é festa. Um bom exemplo de como este termo criou um sistema sustentável pode ser observado no axé. Este gênero, antes considerado carnavalesco, ganhou, graças ao advento das micaretas (conhecidas como carnavais fora de época), em meados da década passada, um circuito de apresentações que mantém seus profissionais ocupados o ano inteiro. Ao mesmo tempo, criou um forte veículo de divulgação de novos artistas, uma vez que, para ocupar as várias horas destes eventos, são necessários em média três ou quatro grupos por noite, o que, associado ao alto custo dos artistas de maior projeção, torna indispensável a contratação de grupos de menor destaque para antecedê-los.

Este sistema cria publicidade gratuita para estes artistas menos conhecidos, através da própria campanha do evento e ainda divulga suas músicas.

Os frequentadores das micaretas, para melhor seguirem as apresentações, procuram as canções destes artistas nas redes de compartilhamento e já chegam com a letra decorada nos shows.

Este sistema autosuficiente se faz presente nos bailes funk do Rio de Janeiro e também foi fundamental para a popularização da música romântica/sertaneja nos anos 1980.

O que estes dois elementos mostram é que, com o enfraquecimento da indústria fonográfica, criou-se uma lacuna no que diz respeito à divulgação dos artistas. Simplesmente não há dinheiro para financiar grandes e abrangentes campanhas como nos anos 1990.

Os artistas populares saíram na frente, pois apenas disponibilizar as músicas como fazem os mais clássicos torna-se insuficiente quando não é possível incentivar que novos fãs os busquem.

Estes circuitos autosuficientes ocuparam o espaço aberto pelos marqueteiros das gravadoras e possibilitaram que as músicas populares tenham o espaço de destaque que possuem atualmente.

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva (8º período/Jornalismo), Jr. Rodran (5º período/Publicidade e Propaganda), Bruno Nakamura ••• **Estagiário:** Júlia Magalhães (5º período/Jornalismo), Grasiano Souza (6º período/Jornalismo) ••• **Colaboração:** Thiago Ferreira (6º período/Jornalismo)••• **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

UNIUBE

issuu-downloader.com

UBERABA VAI À GUERRA

Aírton de Souza
Carlos César
5º período de Jornalismo

A guerra só é boa no livro "O tempo e o vento" de Érico Veríssimo. O capitão Rodrigo, personagem imortalizado pelo autor, diz que, além de todas as outras coisas boas da vida, como as mulheres e a bebida, nada como uma guerrinha de vez em quando para quebrar a rotina.

Uberaba marcou presença na guerra do Paraguai, e nada houve de ficção. Em 1855, a cidade foi escolhida para sede do exército brasileiro, pois era a passagem mais populosa da época. Foram 47 dias, nos meses de julho a setembro, sob o comando de Manuel Pedro Drago.

Na ocasião, o município vivia um surto de varíola. "A cada dia morriam seis soldados por causa da doença", diz o historiador e escritor Guido Bilharinho. Com a epidemia, 116 soldados, sendo 20 mineiros, desistiram da batalha.

Cento e vinte uberabenses se alistaram de bom grado para participar da guerra. Ao chegar o momento de partir, eles diziam: "Deus é grande, mas o mato é ainda maior", referindo-se ao Mato Grosso, próxima localidade da rota a ser visitada para o recrutamento do exército brasileiro.

Só 80 seguiram para o Paraguai. Ao sair, o grupo somava 1575 soldados. Pode-se ou não concordar com o capitão Rodrigo em defesa da guerra, mas algo de bom aconteceu com a estada do exército por estas bandas. "Como havia engenheiros na tropa, eles fizeram a planta da cidade, pois a única que existia tinha sido feita à mão por Antônio Borges Soares, comerciante e jornalista. Ele a criou para qualificar a, até então, vila como cidade", afirma Guido.

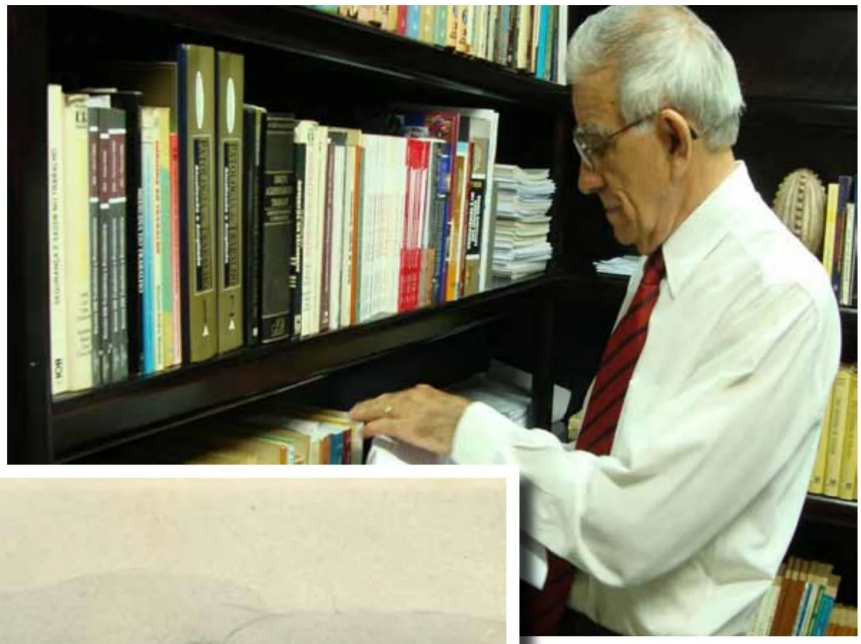
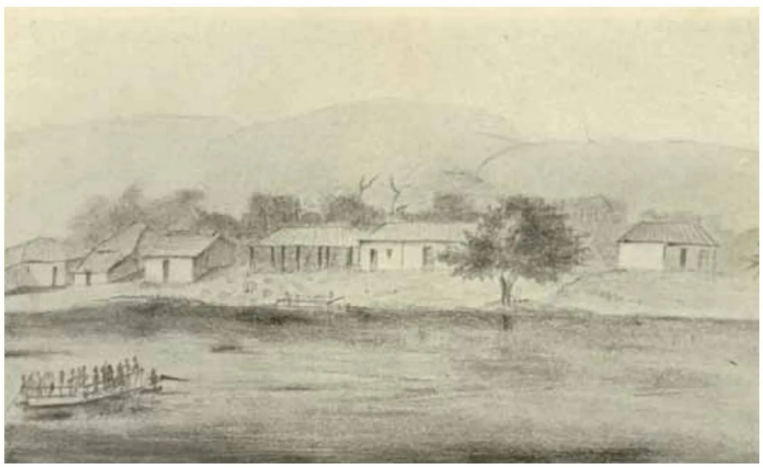


Foto: Carlos César



Margem do Rio Grande, divisa entre São Paulo e Minas Gerais, em 1865

Mas nem só de heróis da ficção ou de bravos voluntários a história é feita. Existem aqueles que fizeram muito e pouco são lembrados.

É o caso de Ana, uma preta muito forte, por volta dos seus 25 anos de idade. Ela não se limitou apenas aos afazeres de uma mulher, tomou das armas e as usou com precisão e maestria, combatendo bravamente ao lado dos homens. "Ela perdeu seu marido na guerra, mas não se abateu. Mesmo tomada pela cólera, continuou incansável até que lhe vêm os primeiros sinais da doença. Faminta, foi abandonada numa estrada e, depois de trocar tiros com uma patrulha inimiga, acabou morta", relata a historiadora Sônia Manzan.

Ana foi imortalizada nas citações de Visconde de Taunay, escritor do período romântico. Mesmo com a derrota do Brasil, com os soldados batendo em retirada, Uberaba teve sua parcela de contribuição, pelo fato de que estava no caminho daqueles que buscavam a glória em terras estrangeiras.

issuu-downloader.com

Escrever para quê se ninguém lê?

Cinco livros: essa é a média que o brasileiro consome por ano

Fernanda Borges
5º período de Jornalismo

Mateus Barros
6º período de Jornalismo

Estudos realizados pelo Sindicato dos Editores de Livros, Snel, mostram que o índice de leitura no país cresceu 150% nos últimos dez anos. Os dados não são expressivos se comparados a países da América, como os Estados Unidos e Canadá onde, entre dez pessoas, nove leem mais de dez livros por ano. Perdemos para os argentinos que estão entre os países onde mais se lêem livros e jornais no planeta, com uma média de 8,5 livros por ano.

No Brasil, passamos de 1,8 livro por ano em média, para 4,7.

Há quatro anos morando em Uberaba, o jovem escritor boliviano Mariano Suares, de apenas 15 anos, acha estranho um país grande como o Brasil possuir poucos leitores. "Eu teria vergonha de ler pouco. Aprendi com meus pais o prazer de ler e, para mim, o mal do brasileiro é a preguiça."

Pesquisas realizadas pelo Portal da Estante apontam o Brasil como o terceiro país recordista de venda de livros em sebos do mundo. Conforme o cadastro do Ministério da Educação, são 716 lojas, distribuídas em 150 cidades, o que representa um acervo de 2 milhões de títulos.

A internet tem sido aliada na venda dos sebos, auxiliando na comercialização de títulos raros. Outra pesquisa feita pelo site mostrou que a venda de sebos afastados dos grandes centros aumentou em 35% depois do cadastro na rede mundial de computadores. Proprietária de uma das livrarias mais tradicionais de Uberaba, Thaís Helena Colous aponta dados interessantes sobre o público leitor do município. A empreendedora explica que seu maior público é feminino, entre 30 e 75 anos. São profissionais liberais e professoras que compram livros para os filhos. "Os pré-adolescentes e universitários são os públicos que tenho mais dificuldade de atingir na livraria. Fazer com que os jovens venham à livraria como um local de lazer ainda é um desafio", afirma Thaís que há 24 anos mantém sua loja.

Para conquistar estes novos leitores, a livraria tem parceria com escritores, contadores de histórias, músicos e com iniciativas como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura, PROLER, do Ministério da Cultura.

No mesmo dia em que fizemos a entrevista com Thaís, acontecia na livraria o lançamento do livro *Professor, Leitura e Escrita*, escrito pela pós-doutora em Linguística Jauranice Rodrigues Cavalcante.

Aproveitamos o lançamento do livro para perguntar para a professora paulista por que a leitura não atinge os jovens. "A leitura ainda está vinculada a um suporte, mas sabemos que não é só isso que atiçamos com o hábito de ler. Para isso, o jovem pode usar a internet."

Foto:s: Divulgação

Professora Jauranice Rodrigues durante o lançamento do seu livro em Uberaba

Conheça 45 autores de Uberaba

- André Azevedo da Fonseca
- André Del Negri
- Ani e Iná
- Antônio Ronaldo R. da Cunha
- Arahilda Gomes Alves
- Benedito de Ulhôa Vieira
- Carlos Antônio Baccelli
- Carlos Marcos Perez Andrade
- César Vanucci
- Décio Bragança Silva
- Edson Gonçalves Prata
- Eliane M. Márquez Resende
- Erwin Pühler
- Eunice Pühler
- Gilberto Andrade Rezende
- Guido Bilharinho
- Hugo Prata
- Inácio Ferreira
- João Eurípedes Sabino
- João Gilberto R. da Cunha
- Jorge Alberto Nabut
- José Humberto S. Henriques
- Juvenal Arduini
- Lincoln Borges de Carvalho
- Lineu José Miziara
- Maria Regina Basílio T. Santos
- Mariane Bellocchio
- Mário Palmério
- Mário Prata
- Mário Salvador
- Murilo Pacheco de Menezes
- Orlando Ferreira (Doca)
- Paulo Fernando Silveira
- Pedro dos Reis Coutinho
- Pedro Lima
- Quintiliano Jardim
- Renato Muniz Barreto de C.
- Teresa Maria Machado Borges
- Teresinha Cauhi de Oliveira
- Teresinha Hueb de Meneses
- Thomaz de Aquino Prata
- Tiago Melo Andrade
- Vânia Maria Resende
- Zeca Camargo

issuu-downloader.com

As diferentes motivações

É nítido que o brasileiro lê pouco. Diante deste fato, a equipe do Jornal Revelação da Uniube perguntou para escritores da cidade qual a razão de se escrever os livros sabendo que poucos os lerão.

A escritora Vânia Resende explica que sua produção é voltada para a área de crítica literária, direcionada a um público específico, de universitários, de gente ligada ao magistério.

A uberabense ressalta que suas cara cterísticas frente à literatura são bastante claras. "Os livros de minha autoria me vieram de uma motivação mais espontânea. Foram escritos naturalmente. O Menino na Literatura Brasileira, por exemplo, escrevi ao longo de 12 anos, sem pressa para publicar. Diga-se de passagem publico pouco e devagar mesmo."

O professor e escritor Décio Bragança tem uma visão aberta sobre o hábito da leitura, mas reforça que antes de morrer um homem deve ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro.

Durante a entrevista, o professor cita a frase de Ziraldo: "Ler é mais importante que estudar", e complementa: "Estudar remete ao passado, é apenas uma transição de conhecimento que já está estratificado. A leitura abre horizontes e universos inimagináveis."

Em enquetes feitas via internet e pela própria equipe do Jornal Revelação, percebemos o descaso do brasileiro quanto às obras regionais. Esses dados são comprovados pelo site Shelfari. Uma pesquisa realizada apontou que cerca de 70% dos livros vendidos no Brasil são de escritores internacionais. Apenas o segmento de contos infantis se destaca entre as obras nacionais mais vendidas.

Procuramos o escritor, advogado e pesquisador Guido Bilharinho, conhecido em todo o país pelas publicações voltadas ao cinema.

Ele enfatiza que a proporção deveria ser invertida e cita o escritor Nelson Rodrigues: "Brasileiro tem complexo de vira-lata. Não tem amadurecimento pleno e dá mais importância aos produtos estrangeiros, esquecendo os nossos grandes escritores."

Uma pesquisa realizada em três capitais do Nordeste - Fortaleza, Natal e Recife - e em todo o Sudeste, mostra que o Brasil, embora possua uma das maiores redes de livrarias da América do Sul, opera por meio de patrocinadores e empreendimentos estrangeiros, o que desvaloriza as obras brasileiras.

Com 22 publicações, Guido Bilharinho tem explicações bem particulares a respeito dos índices. "O Brasil hoje é um país renomado em literatura. Mas as causas do desinteresse são as mais diversas, começando pela educação. O índice de escolaridade é ainda inferior. A mídia também é responsável. Quando você pega a Folha de São Paulo ou o Estadão você abre a parte de cultura e só tem produtos internacionais. O espaço para os livros nacionais é muito pequeno. Eles não dão valor ao que é produzido no Brasil."

Décio Bragança reforça que a leitura amplia horizontes

Você conhece as obras dos escritores da cidade?

"Nunca li nenhum livro de escritores da nossa cidade, nem sabia que tinha. Eu leio dois livros por ano. O último que li foi Mein Kampf, um livro nazista bem interessante."

João Marcelo, 3º ano do Ensino Fundamental

"Acredito que não tenha lido nenhum escritor daqui não. Se li, não sabia que era da nossa cidade. Eu leio bastante, uns cinco livros por ano, até porque tem os que a escola pede. O último que li foi Violetas na Janela. Minha mãe tem e eu me interessei."

Letícia Barcelos, 9º ano

"Eu nunca li nenhum livro de escritores uberabenses, mesmo porque muitos dos assuntos que eles escrevem eu não gosto e não leio livros que não me interessam. Eu leio bastante por ano, cerca de sete ou oito livros. O último que eu li foi A gruta das Orquídeas, cujo autor não lembro. O livro é sensacional."

Dina Marta, professora

"Nunca li livros de autores daqui de Uberaba e não costumo ler muito não, só os livros que eles pedem na escola mesmo."

Poliene Silva, 2º ano do Ensino Fundamental

issuu-downloader.com

A magia dos antigos brinquedos

Pião e bilboquê proporcionam interação e estimulam o aprendizado

Gabriela Gonçalves
Patrícia Vanucci
Sarah Franciele
5º período de Jornalismo

"Bola de meia, bola de gude... Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração. Toda vez que o adulto fraqueja, ele vem pra me dar a mão".

O verso da música de Milton Nascimento retrata o trajeto do marceneiro Inimá de Souza Carvalho. Com 65 anos e 55 de profissão, não se cansa de criar e encontra inspiração em tudo que vê. "Quando eu era criança , a forma de diversão era subir na mangueira para apanhar manga e criar meus próprios boizinhos. Até hoje, para fazer brinquedos, me inspiro nisso." A marcenaria de Inimá parece uma verdadeira loja de brinquedos, inspirada na modernidade. O artesão desenvolveu o brinquedo denominado *pau-blade*, inspirado nos desenhos japoneses.

Para a pedagoga Dalva Aparecida dos Santos, os pais de hoje não fazem parte integral da vida dos filhos, por falta de tempo. As crianças passam, então, a maior parte do seu dia em frente ao computador, à TV e jogando video game, não permitindo o desenvolvimento do convívio social e psicológico.

"Lembre-se da sua infância, das coisas que gostava de brincar e coloque isso em prática com sua família", recomenda.

Dalva explica o porquê de se brincar com os principais brinquedos, que foram sensação entre a garotada da década de 50. A bola de meia, por exemplo, estimula a brincadeira em equipes, dá oportunidade para a criança criar e desenvolver seu convívio social. Já a bola de gude era comum entre os meninos, mas o importante é mostrar que a brincadeira não tem distinção de gênero. O bilboquê e o pião desenvolvem a coordenação motora, a concentração e o saber competir.

Inimá concorda com a pedagoga. "O brinquedo incentiva tanto o bem quanto o mal. Se colocarmos um revólver ou uma faca de brinquedo na mão de uma criança ela penderá para o lado ruim."

Inimá produz artesanalmente suas criações

Foto: Gabriela Gonçalves

issuu-downloader.com

Uso do tempo é problema

Em meio à correria do mundo globalizado, o maior conflito é o que fazer

João Gilberto
Wallace Coelho
5º período de Jornalismo

No mundo moderno, o tempo é uma riqueza que está em extinção, assim como o petróleo e a água. As pessoas estão sempre *sem tempo* e não é difícil perceber que essa constatação é verdadeira no dia a dia. Porém, o maior problema está justamente na qualidade da utilização do tempo disponível.

Controlar o tempo é uma ambição humana desde a Grécia antiga. Naquela época, a ociosidade era considerada o grande estímulo da criatividade. Os gregos utilizavam o tempo livre para criar. Criar ideias, objetos e projetos que, com a evolução dos séculos, tornaram-se fundamentais à própria sobrevivência humana.

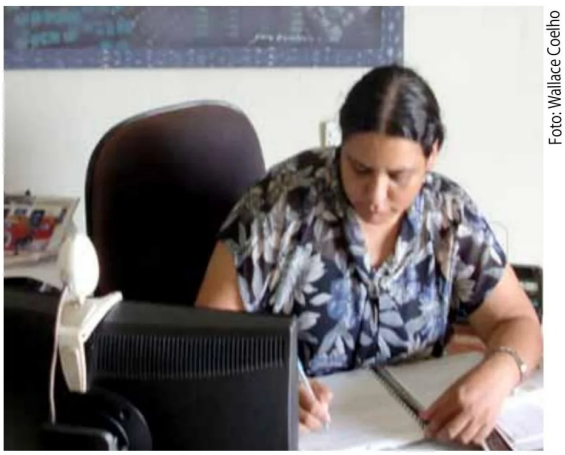


Foto: Wallace Coelho

A contadora Sara gostaria de aproveitar melhor seu tempo

A psicóloga e especialista em Saúde Mental, Vânia Paiva Gomes, diz que as pessoas hoje se queixam muito da qualidade de vida, mas elas mesmas semeiam isso, pois não investem no tempo livre. "O desejo é o combustível do ser humano. Se a gente trabalha é porque também gostamos disso, mas é preciso ter tempo para a família, os amigos, para o parceiro. Quando essa folga chega, as pessoas se perdem, pois se pressionam e pensam que precisam aproveitar o próprio tempo com trabalho", diz a psicóloga.

Silene Gomes de Rezende é uma das personagens que ilustram essa briga com o relógio. Formada há três anos em Farmácia, ela conta que, quando estudava, lidava melhor com o tempo. "Quando eu estava na faculdade, usava meu tempo livre para estudar, agora que não estudo mais, fico perdida, sem saber o que fazer."

Se nos cálculos a contadora Sara Maria de Souza, de 37 anos, dá show, na administração da própria rotina confessa que deixa a desejar. "Gostaria de estudar mais, aprender inglês, fazer um curso de artesanato. Preciso me organizar, pois raramente nos momentos livres faço alguma coisa", diz a contadora.

De acordo com a psicóloga Vânia, além de planejar, é preciso que as pessoas tenham qualidade no uso do seu tempo. "Quando estiver com seus filhos ou família, esteja com eles de verdade. Não fique junto e ao mesmo tempo com a atenção focada na televisão. Lembre-se da sua infância, das coisas que gostava de brincar e coloque isso em prática com sua família", recomenda.

PREPARE-SE PARA ENCARAR
UM MUNDO DE OPORTUNIDADES.

Com professores de alto nível, estrutura completa em todas as áreas do conhecimento e mais de 60 anos de experiência, a Uniube prepara você para encarar um mundo de oportunidades.

www.uniube.br 0800 34 3113

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A universidade à altura dos seus sonhos.

UNIUBE

issuu-downloader.com

Mulheres trocam de colher e

Elas ocupam um espaço significativo na indústria da construção civil, sem perder o charme do rímel,

Júlia Magalhães
Leonardo Ricardo
5º período de Jornalismo

Quando se pensa em Engenharia Civil, é comum lembrar de cimento, tijolos, furadeiras, máquinas, prédios e homens. Isso mesmo, homens. Poucas pessoas pensam em uma mulher pegando no batente, subindo paredes, assentando pisos e fazendo reboco.

Há menos de um século, as mulheres ingressaram no ramo da construção civil. Tudo começou em 1919, com Edwiges Maria Beckes e Jovita Garcia de Souza, as primeiras a concluir a graduação em Engenharia Civil.

> "Decidi fazer curso de Engenharia Civil porque fiz técnico em edificações, gostei da área e continuei. Mesmo sofrendo preconceito no começo pela escolha, não desisti de fazer o curso"
> **Natália Moreira, 23 anos, conclui este ano a graduação em Engenharia Civil**

Segundo a socióloga Natália Morato, a questão de as mulheres estarem invadindo o campo de trabalho masculino está ligada à busca por autonomia e emancipação. "Este *boom* da mulher no mercado de trabalho aconteceu na década de 60, com os movimentos feministas que lutam pela igualdade. As mulheres vão provar que são tão capazes quanto os homens. No cenário atual, elas procuram profissões que são vistas como exclusivamente masculinas por causa do aspecto econômico e das possibilidades do mercado de trabalho", afirma.

Fim ao preconceito

Disposição para trabalhar pesado no canteiro de obras, mesmo que seja sob o olhar espantado de alguns homens, é tarefa fácil para a arquiteta Ana Luísa Bilharinho e para a engenheira civil e arquiteta Elaine Furtado. As duas encaram esta tarefa diariamente. "Tocar uma obra é um desafio tanto para homem, quanto para mulher. Como mulher, nós enfrentamos um pouco mais de dificuldades porque é um ramo que, de alguma forma, existe um preconceito. Mas estou aprendendo a lidar com isso", comenta Ana Luísa, responsável pelo projeto Água Viva, um dos mais complexos do Codau (Centro Operacional de Desenvolvimento e Saneamento de Uberaba) já desenvolvidos em Uberaba.

Elaine Furtado conta que já chegou a ser substituída em uma obra por um engenheiro. "Eles acharam que um engenheiro seria mais adequado para comandar a construção. Várias vezes, cheguei a obras com meus estagiários e os operários, em vez de conversarem comigo, começaram a conversar com eles, julgando que eles seriam os responsáveis pela empreitada."

A qualificação profissional e cuidado especial com o acabamento estão abrindo espaço para as mulheres na indústria da construção civil.

Fotos: Grasiano Souza

Ana Luísa Bilharinho durante visita à obra do projeto Água Viva. Acessórios, maquiagem e vestido fazem parte do seu dia a dia

issuu-downloader.com

temperam outra massa

batom e lápis de olho

Maria Aparecia é servente de pedreiro há 12 anos, reboca paredes enquanto o marido trabalha no restante da obra

Um toque feminino

Alguns estudos apontam que elas são mais criteriosas, caprichosas e organizadas do que os homens, pois estão atentas a todos os detalhes. "É muito bom ter mulheres nesta área. Elas são mais sensíveis, mais delicadas", comenta o estudante de Engenharia Civil e funcionário de uma empreiteira ligada à Engenharia, João Neto.

Segundo Elaine Furtado, a mulher atualmente entra na construção civil como mão de obra. "Hoje, nós temos servente, pintora, azulejista, profissionais de acabamento. Foi comprovado que a mulher é mais criteriosa", comenta.

Mas nem tudo são tijolos e cimento. As mulheres que escolhem ser pedreiras, serventes, arquitetas e engenheiras não perdem sua feminilidade. Elas trazem para a construção toda a delicadeza e sensualidade em pequenos detalhes.

> "É muito bom ter mulheres nesta área. Elas são mais sensíveis, mais dedicadas

Maquilagem e cabelos escovados também fazem parte do seu dia a dia. "Eu sempre vou para obra de brinco, maquilagem e até mesmo de vestido. Não mudo meu vestuário por causa da construção. É claro que não deixo de lado os equipamentos de segurança como capacete e botas", fala a arquiteta Ana Luísa.

Ela reforça que não é só porque a mulher está na obra que vai carregar masculinidade. "Ela pode levar sua feminilidade para a construção porque este é o diferencial da mulher, um diferencial que será refletido na empreitada."

Casal que constrói junto, cresce junto

Ainda há certa resistência por parte dos operários em dividir a obra com mulheres, mas para o pedreiro Amadeu Antônio de Brito, de 48 anos, é diferente. Há 12 anos, ele e sua esposa Maria Aparecida, de 57 anos, trabalham juntos. "Eu não aguentava ela reclamando dos serviços domésticos, então a chamei para trabalhar comigo. Ela foi um dia e gostou. Desde então nunca mais saiu da obra", relembra Amadeu.

A parceria de sucesso já rendeu a construção de diversas casas e o sustento para a família. Maria Aparecida e Amadeu são pais de quatro filhos e avôs de sete netos. "Não gosto do serviço doméstico nem na minha casa. Não troco o serviço de servente de pedreiro por outro. Gosto do meu trabalho, gosto de colocar a mão na massa", conta Maria Aparecida.

Atualmente, o casal trabalha na reforma de uma pequena casa do bairro Abadia.

"Pelo pouco tempo que estou no curso de Engenharia Civil, percebi que as mulheres são mais cuidadosas com as coisas, mais detalhistas. Acredito que civil foi feito para mulheres"

Jhonatan Wilian, 23 anos, estudante do 3° período de Engenharia Civil

issuu-downloader.com

Diga-me o que calça e lhe direi quem és...

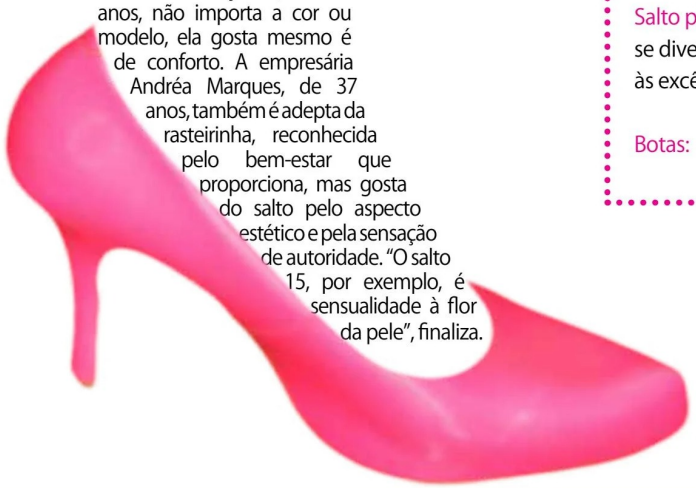
Ana Luiza Cassimiro
Pabliene Silva
5º período de Jornalismo

No decorrer do dia, a mulher revela múltiplas personalidades por meio de seus sapatos. Em casa, quando está relaxada, o bom e velho chinelo. Para trabalhar, nada melhor que a elegância dos sapatos modelo Chanel e, à noite, para dar um ar mais sexy e sofisticado ao visual, um salto bem alto e fino com tiras amarradas ao tornozelo.

A Lancaster University, do Reino Unido, realizou uma pesquisa relacionando os sapatos à personalidade humana. O estudo analisou os significados conotativos dos tipos de sapatos e os efeitos na percepção da comunicação visual. Mais de 150 modelos de sapatos foram apresentados para pessoas nas ruas da Alemanha, Rússia e Polônia. Elas responderam o que pensavam sobre quem estava usando cada calçado. A conclusão é de que realmente os sapatos revelam a personalidade.

"Quando você olha os sapatos de uma mulher, fica óbvio o tipo de personalidade que ela tem pelas cores, pelos modelos. O sapato é como se fosse uma arma, um escudo, um apoio para ajudar a mulher no seu dia a dia", reforça o especialista em moda Geraldo Djalma.

E as mulheres revelam estilos de vida bem diferentes por meio dos modelos. Para a contadora Amanda Gonçalves, de 32 anos, não importa a cor ou modelo, ela gosta mesmo é de conforto. A empresária Andréa Marques, de 37 anos, também é adepta da rasteirinha, reconhecida pelo bem-estar que proporciona, mas gosta do salto pelo aspecto estético e pela sensação de autoridade. "O salto 15, por exemplo, é sensualidade à flor da pele", finaliza.



O que seu sapato diz sobre você

Sandálias com tiras: Mulheres que sabem bem o que querem.

Sapatos abertos na frente: Companheira, que gosta de ser vista como uma parceira sexual.

Sapatos com bico fino: Perfil das destinadas a posições profissionais de poder.

Salto fino: Está ligado ao fetiche. Significa: "vou provocar".

Salto plataforma: Pessoa que se diverte. O modelo agrada às excêntricas.

Botas: Mulher provocante.

issuu-downloader.com

O maior goleiro do mundo

Peça íntima que bate um bolão no guarda-roupa delas ainda é um problema

Agnes Maria
Mariana Provazzi
5º período de Jornalismo

Sexy, forte, bonito, essencial. Essa não é bem a descrição de um goleiro másculo, porém define bem uma peça do guarda-roupa das mulheres que, quando está em campo, faz a cabeça dos homens: o sutiã.

A peça íntima marcou a queda do espartilho, no século XIX. Proporcionou maior liberdade à mulher que vivia espremida entre tecidos para moldar não apenas o seio, mas a silhueta.

Hoje, o sutiã é apresentado em diferentes versões para disfarçar, aumentar os seios, deixar a mulher mais sexy. No entanto, muitas ainda enfrentam problemas na hora da escolha da peça pela singularidade de seus corpos.

Uma mulher com manequim 46 em função do tamanho do busto se vê obrigada a comprar manequim 42 pelo tamanho das costas.

Apesar da inovação das marcas de sutiãs, conjuntos de lingeries coloridos e com materiais diferenciados, como rendas, praticamente não existem no mercado para aquelas que possuem os seios desproporcionais à cintura.

A estudante Dayana Bizinotto conta que desistiu de comprar sutiã. "Prefiro usar top. Eu gosto de ter os seios grandes, me adaptei bem com os estilos de top que uso mas, ainda assim, eles me machucam no pescoço quando estão mais apertados".

Para garantir a sensualidade, a jovem investe em calcinhas.

A aluna do curso de Design de Moda da Universidade Federal de Goiânia, Luciana Barbosa, desenvolveu como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) uma marca que visa mesclar conforto e sensualidade.

A jovem estilista diz que a escolha do tema partiu de um interesse pessoal e da ausência de publicações científicas sobre o sutiã no Brasil.

Segundo ela, a proposta é que o estudo ajude novos estilistas a minimizar as dificuldades encontradas pelas mulheres consideradas fora do padrão na hora da compra.

Agora ela quer ser mãe

Alex Gonçalves
6º período de Jornalismo

Eles se casaram e o aviso da sogra foi claro: "Quero ver minha casa cheia de netos". A dona cegonha hoje não traz mais no bico e nas asas inúmeros bebês à procura de lares. Homens e mulheres saem da casa de seus pais cada vez mais tarde. Trabalham, viajam, fazem pós-graduação ou mestrados e só aí optam pelo altar ou pela divisão do seu espaço com outra pessoa. Depois desse amadurecimento pessoal e profissional, pensam na prole.

A maternidade é tardia por opção. A mulher precisa ter sua independência e só com a proximidade das limitações biológicas investe em ser mãe. Segundo a escritora Bárbara Kingsolver, a força da maternidade é maior que as leis da natureza.

É cada vez mais frequente a presença de mulheres com mais de 35 anos nos consultórios de reprodução humana. Os bancos de sêmen estão em alta e a cogitação de barrigas de aluguel ainda que, em casos extremos, volta de maneira latente à cabeça de algumas.

A partir dos 27 anos de idade, a probabilidade de gravidez reduz. Aos 35, a mulher está sujeita a endometrioses, pré-eclampsias, hipertensões e diabetes, e o risco de nascimentos prematuros varia entre 11 e 18%. Outro fator preocupante a partir dos 40 é a ocorrência da Síndrome de Down.

Mas o que leva uma fêmea a correr todos esses riscos? Seria o instinto animal de gerar e se sentir completa? Ou será que apenas a companhia do marido não lhe dá a segurança de uma velhice feliz?

Em geral, as futuras mães já se realizaram como profissionais ou então desistiram do sonho de encontrar o príncipe aprisionado no corpo do tão desprezado anfíbio.

Mulheres como Silvia Popovic, Cássia Kiss, Susy Rego e Carla Martins apostaram na maternidade tardia e obtiveram sucesso. Mostraram que por serem profissionais não deixaram de lado os convites para o chá de berço ou a amamentação, fraldas, cueiros etc. Elas só preferiram um momento em que se julgaram mais seguras para propiciar aos filhos fecundados, naturalmente ou não, um futuro mais garantido.

issuu-downloader.com

Histórias de amor eterno

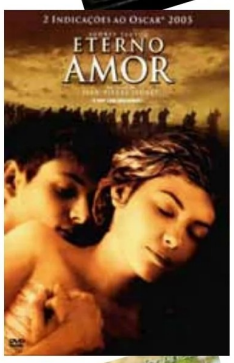
Morte e distância não são barreiras para estas pessoas

Ilídio Luciano
6º período de Jornalismo

Thiago Paião
5º período de Jornalismo

Fotos: Arquivo Pessoal

Solange e Armando foram casados por 19 anos



Os filmes Amor Além da Vida, Eterno Amor e O Amor Acontece retratam os dramas dos relacionamentos

No altar, os noivos prometem ser fiéis e se amar até que a morte os separe, mas, em alguns casos, nem mesmo o fim da vida é suficiente para enterrar o amor.

Solange Marilda Prata, hoje com 69 anos, foi casada por 19 anos com Armando Teodoro Cunha.

Ela conta que, apesar da pouca idade, sempre permaneceu ao lado do amado enquanto ele esteve internado, inclusive em estado de coma.

"Eu ficava com ele 24 horas por dia. Ele não reconhecia ninguém, mas era minha obrigação ficar ao lado dele", lembra.

Ela conta que, por conta dos problemas de saúde, o marido, que era fazendeiro, viu aos poucos todo o patrimônio ser desfeito para custear o tratamento que era feito em Uberaba e em São Paulo.

No dia do aniversário de Solange, em 1979, ela se despediu de Armando, que faleceu. Ela faz questão de frisar que, apesar de ter recebido muitas propostas para se casar novamente, recusou todas.

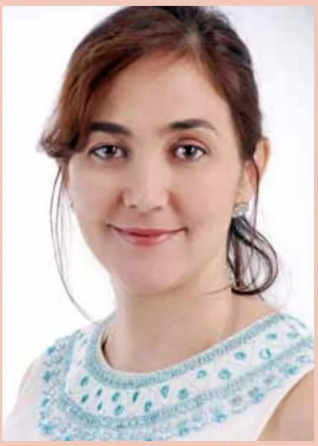
"Acho que se eu me casasse novamente, as comparações com meu ex-marido seriam inevitáveis e isso não ia dar muito certo", resume Solange.

O que diz a ciência?

Para a psicóloga e terapeuta familiar Sandra Pimenta, as pessoas se apaixonam porque acreditam que encontraram na outra pessoa características suas e isso gera a impressão de completude. "Quando o amor passa a ocupar todos os espaços da vida das pessoas, exageradamente, a gente chama esse processo de co-dependência. É como se a pessoa amada fosse capaz de resolver todos os seus problemas", explica a psicóloga.

As pessoas que procuram sempre saber o que o companheiro ou companheira está fazendo, onde está, a que horas vai chegar, enfim, controlar os movimentos da pessoa amada, demonstra claramente a insegurança. Um comportamento que, segundo a psicóloga, é prejudicial, pois deixa clara a dependência.

"É saudável a pessoa entender que são duas vidas independentes, que a pessoa amada tem relações em que o outro não participa. Isso não representa que a pessoa não é amada, pelo contrário, mas não há a necessidade de estarem coladas uma na outra", finaliza Sandra.



Sandra Pimenta é psicológa

Não há distância que os separe

Há cinco anos, Mateus Barros e Renata Degani se conheceram em um colégio de Fortaleza, capital do Ceará. Iniciaram um namoro que durou somente um mês. O relacionamento terminou porque os pais dela mudaram-se para Uberaba, mas isso não foi motivo para ele desistir do namoro.

"A gente namorava pela internet, sabia tudo um do outro. Até brigar e discutir a gente discutia. Era muito engraçado", diverte-se Mateus.

Renata explica que pensou que o namoro não iria vingar. "Quando minha família veio embora eu pensei: não vai dar nada, mas aí ele veio e a gente começou a namorar mesmo", finaliza.

issuu-downloader.com

De repente, estou grávida!

Pabliene Silva
5º período de Jornalismo

Acordei às 7h, tomei banho e fui trabalhar. Era mais um dia da minha rotina. Tinha consulta às 16h com o ginecologista. Para mim, apenas mais uma visita ao médico, mas não foi bem assim. Ao me examinar, diagnóstico: "Você está grávida".

- Que susto! Grávida, eu? Como assim? Estou menstruando regularmente, aliás, quase todos os dias da semana e, por isso, estou aqui. Agora, o senhor vem me dizendo que estou grávida. Isso é um absurdo!

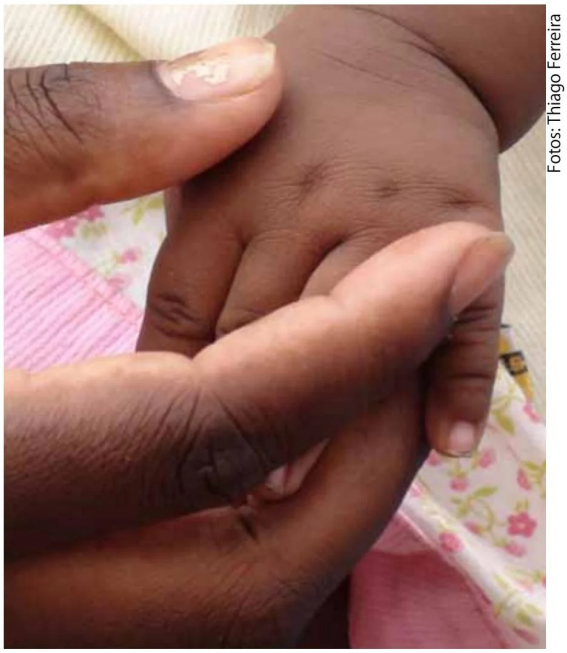
Gravidez, uma coisa tão comum para a sociedade. Depois do ato sexual, todas as mulheres conscientemente, ou não, irão engravidar. Começamos a gerar uma vida, um ser humano, uma pessoa. Após nove meses de gestação, a criança irá nascer. Mas comigo não foi bem assim. Como dizia, fui ao médico para uma consulta, como sempre. No entanto, recebi esta notícia inesperada. Foi um choque!

Assim como a maioria das mulheres sonha em ter filhos, comigo não era diferente, mas eu não conseguia aceitar e nem entender o que estava acontecendo. Menstruando e grávida, impossível? Mas e agora? O que fazer? Não posso rejeitar? Tenho que aceitar?

Entrei em prantos, chorei a noite toda, contudo, comecei a sentir algo estranho. Um ser indefeso está aqui. Depende de mim para sobreviver. Se não fui suficientemente responsável naquele momento, agora, sou obrigada a arcar com as consequências.

Pensamentos negativos eram incessantes, porém os positivos sobressaíam.

Começo a imaginar como será aquele bebezinho. Com quem vai parecer? Como educá-lo neste mundo? Vai ser menina ou menino? Neste momento, um sentimento estranho teve início. Não sei distinguir que sentimento é este. Será um amor ou um ódio por não ter me prevenido? Ah, é amor. Assim que me permiti ser mãe e aceitar a situação, tudo mudou.



Fotos: Thiago Ferreira

De um dia para o outro minha vida deu uma virada de 360º. Minha responsabilidade tornou-se muito maior. Não sou aquela jovem de ontem, que apenas estudava, trabalhava, curtia as baladas com as amigas e o namorado, que vivia os dias intensamente. Serei mãe, aliás, já me sinto mãe, sou mãe.

Logo, continuo a seguir minha nova rotina, mas algo imprevisível acontece. Depois de oito dias que havia recebido a notícia da gravidez, amanheci novamente sangrando.

Não fui para o hospital e sim para o trabalho. Para mim, era um simples sangramento que no decorrer do dia iria parar, mas não parou. Saí do serviço às 18h e segui para o médico.

Pensei que não seria nada grave. Será que ele iria receitar algum remédio e me mandar para casa? Mais uma vez, outra surpresa. Minha filha estava na posição de nascer e corríamos risco de vida.

Era preciso correr contra o tempo, fazer de tudo para segurar aquele bebê o maior tempo possível.

Minha cabeça estava a mil. Meu medo era de perder minha filha. Todos aqueles pensamentos, aquelas rejeições que eu tinha sentido sumiram. Minha preocupação era que aquela criança ficasse viva e não nascesse antes da hora.

Pedi a Deus, em lágrimas: "não deixe nascer, meu pai. Tenha piedade, tenha misericórdia, não está na hora".

Às 7h40 do dia seguinte, nasceu minha pequena. O amor de uma mãe é algo surpreendente, transformador. Queremos proteger, cuidar. Somente quem é mãe consegue entender o que as mães sentem.

Na gravidez, nos desesperamos. Com o nascimento, nos apaixonamos. É um amor incondicional, um amor verdadeiro, um amor fiel! Ah! Após nove dias ela nasceu. De repente, sou mãe.

issuu-downloader.com

Meus amigos, bichos estranhos

O fascínio de criar animais diferentes vai além da excentricidade

Fabiana Cunha
Ubirajara Galvão
5º período de Jornalismo

Quem tem um bichinho de estimação sabe o quanto ele é especial, um companheiro para todas as horas. Mas o que dizer das pessoas que escolhem animais diferentes para criar, como cobras, lagartos, ratos e corujas?

Diretor do curso de Terapia Ocupacional e especialista em Terapia Assistida por Animais, Fernando Calil, diz que a escolha varia de acordo com suas características comportamentais. "Geralmente, a pessoa escolhe o bicho que supre as suas necessidades, sejam emocionais ou físicas." Um lagarto carnívoro, por exemplo, remete à força, robustez e excentricidade.

Fotos: Fabiana Cunha

Andressa brinca com a jovem Tatu, sua teiú de estimação

A estudante uberabense Andressa Kyosz, de 17 anos, escolheu criar, ao lado de sua cama, a Tatu. É uma teiú fêmea, de 10 meses, com meio metro de comprimento. A jovem lagarto carnívora, originária da América do Sul e comum na região, pode chegar a três vezes seu tamanho atual, mas Andressa não se importa e já providenciou um espaço no quintal para abrigar o bichinho. "A Tatu é muito especial para mim."

Ela optou pelo teiú, por ser um animal facilmente encontrado em criadouros legalizados pelo Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). "Eu sempre quis ter um lagarto. Quando ia ao bosque ficava fascinada com os bichos que andam por lá. A partir daí, decidi comprar o meu."

Ter escolhido um teiú como bichinho de estimação não a faz se sentir diferente das outras pessoas. "Acho muito normal ter a Tatu comigo. Além dela, tenho mais quatro hamsters e uma cadela que adotei."

E ela deseja comprar outro teiú e ainda uma cobra. "Meu primo cria cobras e uma delas terá filhotes. Com certeza, pegarei uma para mim. Elas têm cores lindas e são dóceis", completa a estudante.

O estudante Paulo Vieira, de 19 anos, tem uma Corn Snake ou cobra do milho, como também é conhecida. Com três anos e mais de um metro e meio de comprimento, a serpente tem cor de fogo e deixa-se facilmente acariciar. Quando colocada no pescoço, logo procura um apoio e fica quieta só observando.

> "Quando colocada no pescoço, a cobra logo procura apoio e parece observar o entorno do alto de um pedestal

Já a pequena Corn Snake Joe, de um ano e 50 centímetros, é um pouco mais nervosa, mas seu dono, o estudante de Gastronomia Lucas Domingos, afirma que isso acontece só depois das refeições. "Eu prefiro criar cobra. É mais higiênica. Come só uma vez por semana. Eu moro num pequeno apartamento, então é o bicho ideal para mim."

Ele diz que seu grande sonho é criar araras. "Queria criar para proteger, preservar uma espécie que está ameaçada de extinção."

issuu-downloader.com

As travessuras dos donos

Os donos se divertem ao contar as histórias vividas com seus bichinhos. "Lembro-me de quando a cobra, ainda filhote, saiu da sua caixa e ficou perdida pela casa. Meus pais foram para a casa de parentes e só voltaram depois que a encontrei", relembra Paulo Vieira.

Para Lucas, o mais legal é deixar a cobra se acomodar no seu cabelo Black Power. "É muito legal, quando ele entra no meio do cabelo e fica só com a cabeça na minha testa. O pessoal geralmente assusta, mas eu explico que ela se sente confortável assim."

Mas o fascínio por animais diferentes não está só no prazer. No município de Araxá, Jeremias Cardoso, de 69 anos, cria cascavéis com fins comerciais em uma chácara.

"Elas me reconhecem pelo cheiro e agitam mais o chocalho só quando entro no terrário", afirma o criador.

Jeremias nutre um carinho pelas serpentes. "Eu acaricio minhas *Mariazinhas* e as alimento na boca." O soro extraído é enviado ao Instituto Butantã, em São Paulo.

Fotos: Ubirajara Galvão

O veterinário Claudio Yudi alerta para a necessidade de cuidar da saúde dos animais

Paixão em miniatura

O comerciante João Silva* tem como bicho de estimação, além de um curió, uma caburé, considerada a menor espécie de coruja.

A pequena carnívora tem cerca de dez centímetros de comprimento e foi resgatada por Leonardo quando um amigo que também cria curiós decidiu acabar com as corujinhas. "Ele queria matar os filhotes da coruja por medo de elas atacarem os curiós, então eu a peguei e criei. Hoje, ela é o bicho preferido da minha filha, de 10 anos."

Frágil e delicada, a pequena coruja pousa no dedo de qualquer pessoa e fica observando com olhos redondos e amarelos todos os movimentos ao seu redor.

Para o veterinário, especialista em animais silvestres, Claudio Yudi, o mais importante ao adquirir esses animais é entender seu comportamento. "Ler sobre como criar esses animais, além de buscar orientação com um médico veterinário, é fundamental para não cometer erros."

Ele afirma que a maioria dos animais silvestres e exóticos criados em casa são ilegais e, por isso, muitos donos deixam de levá-los ao veterinário por medo de ter seus bichos apreendidos. "É importante que os donos saibam que a prioridade é a saúde e a qualidade de vida desses bichos. Mesmo sendo ilegais, é preciso que haja um acompanhamento da saúde", alerta o médico.

* O nome foi trocado a pedido do entrevistado.

issuu-downloader.com

AULA INAUGURAL

Multiperiódico - 7h30

CURSOS	LOCAL
ADMINISTRAÇÃO	ANFITEATRO BIBLIOTECA CENTRAL
ARQUITETURA E URBANISMO	V01
DIREITO	P103
ENFERMAGEM	ANFITEATRO D02
ENGENHARIA AMBIENTAL	ANFITEATRO C01
ENGENHARIA CIVIL	ANFITEATRO C01
ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO	ANFITEATRO C01
ENGENHARIA ELÉTRICA	ANFITEATRO C01
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	ANFITEATRO C01
ENGENHARIA QUÍMICA	ANFITEATRO C01
MEDICINA	S315
MEDICINA VETERINÁRIA	ANFITEATRO D56
ODONTOLOGIA	ZT21

Noturno - 18h30

CURSOS	LOCAL
ADMINISTRAÇÃO	ANFITEATRO BIBLIOTECA CENTRAL
ARQUITETURA E URBANISMO	V01
CIÊNCIAS CONTABÉIS	Q12
DESIGN DE INTERIORES	V01
DIREITO	ANFITEATRO C01
EDUCAÇÃO FÍSICA	ANFITEATRO D56
ENGENHARIA AMBIENTAL	Z208
ENGENHARIA ELÉTRICA	ZT20
ENGENHARIA CIVIL	ZT31
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	Z213
ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO	ZT22
ENGENHARIA QUÍMICA	Z206
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO	Z229
FARMÁCIA	D14
FISIOTERAPIA	A106
GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS	N24
PROCESSOS GERENCIAIS-ÊNFASE EM AGRONEGÓCIOS	G04
ODONTOLOGIA	A17
PEDAGOGIA	Y13
PSICOLOGIA	ANFITEATRO D02
JORNALISMO	J06
PUBLICIDADE E PROPAGANDA	J06

issuu-downloader.com